

**O desafio de narrar e a tarefa ética
na literatura de testemunho de Primo Levi**

*The challenge of narrating and the ethic task
in the literature of Primo Levi*

Luiza Benício PEREIRA¹

Resumo

A literatura de testemunho evidencia no plano ficcional acontecimentos de ordem traumática e histórica por meio das recordações do sobrevivente, este, na posição de escritor constrói uma narrativa pungente e reflexiva no relato das experiências vividas e presenciadas. O presente estudo tem por finalidade refletir acerca da literatura do escritor italiano Primo Levi, nas obras *É isto um homem?* (1988), *A trégua* (2010), *Os afogados e os sobreviventes* (2004), na observação do projeto ético construído pelo autor nessas produções a partir dos conceitos filosóficos de fim da narrativa (BENJAMIN, 1987); testemunha, *Muselmann* (AGAMBEN, 2008); e do relato de si (BUTLER, 2017). Constatamos que a tarefa ética desenvolvida por Levi consiste em dar voz por procuração aos que não sobreviveram ao holocausto – aos impossibilitados de narrar por terem sido mortos nas câmaras de gás ou sucumbido às circunstâncias torturantes da prisão – em um movimento de reconstituição das memórias aniquiladas.

Palavras-chave: Literatura de testemunho. Ética. Narração. Primo Levi.

Abstract

The testimony literature evidences in the fictional plane traumatic and historical events through the survivor's memories, this one, in the position of writer builds a poignant and reflective narrative in the report of experiences lived and witnessed. The purpose of this study is to reflect on the literature by the Italian author Primo Levi, in the works *É isto um homem?* (1988), *A trégua* (2010), *Os afogados e os sobreviventes* (2004), in the observation of the ethical project constructed by the author in these productions from the philosophical concepts of end of narrative (BENJAMIN, 1987); witness, *Muselmann* (AGAMBEN, 2008); and the account of himself (BUTLER, 2017). We can see that this ethical task developed by Levi consists in giving voice by proxy to those who did not survive the holocaust – those unable to narrate because they were killed in the gas chambers or succumbed to the torturing circumstances of the prison – in a movement to reconstitute the annihilated memories.

Keywords: Testimony literature. Ethic. Narration. Primo Levi.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB – Campus I), Campina Grande – PB. E-mail: luizabenicio14@gmail.com

Introdução

A literatura pode ser vista por diferentes perspectivas, perpassando múltiplas correntes teóricas literárias: a crítica histórica; neocrítica; estruturalista; pós-estruturalista; marxista; pós-colonial; decolonial, ecocrítica, as quais enfocam a denúncia, a representação, a forma, dentre outras. Entretanto, a chamada literatura de testemunho distancia-se das “funções” literárias defendidas pelas vertentes teóricas supracitadas, ela tem em sua dimensão narrativa os acontecimentos de ordem traumática exposta pelo escritor, sem apresentar de modo fixado a denúncia ou a representação de indivíduos, ou grupos sociais. Nesse sentido, a literatura de testemunho toma para si, em suas bases narratológicas, um paradigma ético ao assumir a função de expor e descrever as vivências traumáticas por meio da memória, relacionada aos acontecimentos de guerra, os quais rompem com a moral, pois se distanciam da noção de alteridade e outridade, normalmente preservada pelos grupos sociais e culturais ou por uma parte deles.

O filósofo Walter Benjamin aponta para o fim da narrativa e da arte em meio ao processo de modernização, no qual se encontra o sujeito de vivência, de relato e de contemplação, época moderna esta em que desponta o romance. A dificuldade de narrar desvela a não partilha de saberes individuais, “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987, p. 198). Esse emudecimento causa um comprometimento na narrativa, simboliza a extinção da habilidade de narrar. Essa impossibilidade surge vinculada aos traumas experienciados, questão refletida na articulação da linguagem observada por Benjamin (1987), através da nudez dos soldados que retornavam do ambiente de combate, regressando pobres de experiências possíveis de transmissão.

A literatura de testemunho retoma a perspectiva da narrativa – mesmo diante da dificuldade de construir a narração, dos obstáculos de rememoração ocasionados pelas lembranças pungentes – na construção de obras que extrapolam a ficção e podem ser apreciadas como um projeto ético que emana da consciência do indivíduo para a coletividade social, no atestamento das atrocidades vividas.

Desse modo, refletimos sobre o plano ético presente na literatura de testemunho do escritor Primo Levi, observando as vivências e traumas experienciados durante o

holocausto na apresentação de uma escrita que ultrapassa a caracterização de dilemas cotidianos, para se deter no relato dos horrores ocorridos no campo de concentração por meio dos artifícios da linguagem, esta incapaz de abarcar os desdobramentos dos traumas, mas suficiente na constituição de uma memória, de um testemunho que cumpre uma tarefa ética para com a humanidade. Para tanto, mobilizamos as seguintes concepções filosóficas: o fim da narrativa e da impossibilidade de narrar o trauma, de Walter Benjamin (1987); o limite da testemunha, o *Muselmann*, de Giorgio Agamben (2008); o relato de si, da pós-estruturalista Judith Butler (2017).

As hipóteses levantadas são de que a impossibilidade da narração surge a partir do momento que o trauma consiste na ausência da linguagem, ou seja, o vivido não encontra espaço nas descrições linguísticas, não sendo possível definir sua totalidade. A literatura de Primo Levi toma para si a tarefa ética ao narrar os horrores do campo de concentração em um processo de “relato de si” (BUTLER, 2017), que se estende ao outrem, testemunhando o sofrimento dos prisioneiros do campo de concentração no desenvolvimento de uma função ética, histórica e filosófica com o intuito de evitar a repetição de tal episódio.

Diante desta relação entre literatura e ética – que também se constitui como uma reflexão filosófica – nas obras de Primo Levi, surgem os questionamentos que direcionam as discussões: quais fatores impossibilitam a narração? Em que aspecto a literatura de Primo Levi apresenta um compromisso ético? Qual o papel da memória na reconstituição e relato dos traumas vividos? A *interface* literatura e ética proporciona pensar este narrar em meios aos desafios de se construir narrativas, perpassando pela memória da testemunha na produção de uma leitura filosófica-interpretativa das obras do italiano Primo Levi, considerando o recorte temático supracitado.

Dessa maneira, este trabalho contribui com as discussões do campo da literatura e da filosofia, perfazendo o caminho da difusão e apresentação de uma nova perspectiva ao tema do testemunho nas produções literárias do escritor Primo Levi, colaborando com o contexto da academia no que concerne a produção do saber e no incentivo para se pensar os enlaces teóricos e reflexivos que surgem a partir da literatura e de outras áreas do conhecimento.

Fim da narrativa, desafio de narrar e a literatura de Primo Levi

No prefácio do livro *É isto um homem?* (1988), Primo Levi desvela sua finalidade enquanto escritor para com o leitor, afirmando que o livro apresentado não possui elementos inovadores do massacre nazista, “ele não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana” (LEVI, 1988, p. 07). A palavra literária não nasce como modo de denúncia de uma determinada circunstância e contexto social, político, histórico, mas com o propósito de falar do outro, para o outro; manter vivas as memórias e os acontecimentos, fazendo com que se compreenda a história do campo de extermínio² “como sinistro sinal de perigo” (LEVI, 1988, p. 07) que não deve ser repetido.

Walter Benjamin (1987) aponta para o fim da tradição artística com o surgimento da fotografia no século XVIII, que representa o rompimento com a experiência da aura³, esta consiste em “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1987, p. 170). Semelhante movimento de ruptura ocorre na literatura, emergindo a incapacidade de narrar.

Em um discurso repleto de questionamento quanto ao relatar, contar, esmiuçar as experiências, Benjamin (1987) utiliza como exemplo os soldados atuantes na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que ao viver “uma das mais terríveis experiências da história” (BENJAMIN, 1987, p. 114), retornavam sem conseguir articular por meio da língua os acontecimentos pelos quais passaram, sendo eles “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN, 1987, p. 115). A

² Acerca do extermínio e das terminologias utilizadas ao longo das investigações historiográficas Agamben (2008) destaca: “os judeus recorrem a um eufemismo para indicar o extermínio. Trata-se do termo *Shoá*, que significa ‘devastação, catástrofe’ e, na Bíblia, implica muitas vezes a ideia de uma punição divina (‘Pois bem, que fareis no dia da visitação quando a ruína vier de longe?’). Mesmo que seja provavelmente a esse termo que se refere Levi, ao falar da tentativa de interpretar o extermínio como uma punição pelos nossos pecados, o eufemismo aqui não contém escárnio algum. Pelo contrário, no caso do termo ‘holocausto’, estabelecer uma vinculação, mesmo distante, entre Auschwitz e o *olah* bíblico, e entre a morte nas câmaras de gás e a ‘entrega total a causas sagradas e superiores’ não pode deixar de soar como uma zombaria. O termo não só supõe uma inaceitável equiparação entre fornos crematórios e altares, mas acolhe uma herança semântica que desde o início traz uma conotação antijudaica”. (AGAMBEN, 2008, p. 40, grifos do autor)

³ Conforme Benjamin (1987), a aura apresenta dois elementos: a autenticidade e a unicidade. O *hic et nunc*: “aqui e agora”.

vivência “sempre comunicada aos jovens” (BENJAMIN, 1987, p. 115), esteve por determinado tempo, atrelada ao privilégio dos que vivem os acontecimentos, dos que detêm a interlocução de uma história compartilhada pela articulação do código linguístico. Com esta impossibilidade de enunciação dos soldados das guerras, surge, como destaca Benjamin (1987), a substituição dos ouvintes pelo narrador.

Todavia, entende-se que mesmo com a dificuldade de se construir narrativas advinda das experiências traumáticas, surge a literatura de testemunho. De acordo com Maciel (2016), os avanços da tecnologia, o desenvolvimento da economia e os conflitos ocasionadores dos grandes traumas assinalaram o século XX⁴. No decurso e posterior a esses acontecimentos, na esfera literária, especificamente, surgem as narrativas originárias das vítimas marcadas pelas guerras e ocorrências traumáticas. Nesse sentido, a literatura de testemunho ganha destaque no panorama das produções literárias.

Na obra *É isto um homem?* (1988), o escritor Primo Levi, sobrevivente⁵ do campo de concentração nazista de Auschwitz, narra os horrores vividos, o sofrimento, a opressão, a degradação e a morte dos companheiros de alojamento, bem como relata de modo mais sucinto histórias de mulheres e crianças que passaram pelo campo em 1944:

Os vagões eram doze, e nós, seiscentos e cinquenta; no meu vagão havia apenas quarenta e cinco, mas era um vagão pequeno. Ali estava, então, sob nossos olhares, sob nossos pés, um dos famosos comboios alemães, desses que não retornam, dos quais, com um calafrio e com uma pontinha de incredulidade, tantas vezes tínhamos ouvido falar. Era isso mesmo, ponto por ponto: vagões de carga, trancados por fora, e dentro, homens, mulheres e crianças socados sem piedade, como mercadoria barata, a caminho do nada, morro abaixo, para o fundo. (LEVI, 1988, p. 15)

O estado de existência no qual estas pessoas foram colocadas forçadamente desafia a lógica da moral social, pois a elas restavam os momentos de desumanização e, por fim, a aniquilação. O campo de Auschwitz foi o mais mortífero da história do nazismo, além de ser um dos maiores centros de extermínio e aprisionamento,

⁴ O século XX foi marcado por muitas guerras e conflitos, dentre as quais, destaca-se principalmente a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

⁵ Primo Levi destaca que sobreviveu por sorte, pois foi enviado a Auschwitz em 1944 em um período de escassa mão-de-obra ao serviço do governo alemão, o qual em virtude dessa problemática, estendeu a vida dos prisioneiros por um tempo maior, evitando a aniquilação imediata na câmara de gás.

principalmente do povo judeu⁶. Os prisioneiros passavam pela destituição e anulação da identidade, a tatuagem com o número era um dos primeiros passos da descentralização identitária e autônoma, ao lado da raspagem dos cabelos, do despirm das vestes pessoais e da separação familiar que ocorria na entrada do campo.

A morte exalava no campo de concentração, a sua presença poderia ser percebida em todos os momentos, no cheiro do ambiente, na comida minguada, na água suja e nas seleções diárias realizadas pelos *Kapos*⁷. Acerca da existência, da morte, da resistência e Levi conta: “cedo ou tarde, na vida, cada um de nós se dá conta de que a felicidade completa é irrealizável; poucos porém, atentam para a reflexão oposta: que também é irrealizável a infelicidade completa” (LEVI, 1988, p. 15). Na concentração nazista, a fatalidade e o medo eram constantes e as pequenas vantagens conquistadas simbolizam um mínimo de contentamento, representava mais um dia como sobrevivente.

O que impedia o prisioneiro do campo de adentrar no desespero eram “as privações, as pancadas, o frio, a sede” (LEVI, 1988, p. 15). Com base nos relatos chocantes de Primo Levi, há de se questionar, se não houvesse a testemunha e o testemunho, quem diria que estas atrocidades impensáveis ocorreram? Visto que ao perder a guerra para as tropas soviéticas em 1945, os alemães tentaram aniquilar os prisioneiros nas câmaras de gás e nas chamadas marchas da morte⁸ com o propósito de apagar o registro do massacre, das torturas, das experiências médicas com crianças, destruindo memórias e relatos. Levi afirma: “é claro que vão nos matar, só um louco poderia cair no conto, pensar que continuará vivendo, mas eu não, não caí, entendi que em breve tudo estará acabado” (LEVI, 1988, p. 22). A morte era um destino certo diante da situação na qual foram colocados, o desfecho planejado pelos nazistas.

Primo Levi destaca em sua literatura o registro memorialístico dos dias que passara em Auschwitz e o contexto desumanizador que perdurava, desvelando o que significa chegar ao fundo:

⁶ Além dos judeus, os nazistas capturaram, prenderam e assassinaram ciganos, homossexuais, criminosos condenados, comunistas e socialistas, dentre outros.

⁷ Segundo Oliveira (2017, p. 113), “os *Kapos* eram os prisioneiros privilegiados que geralmente ocupavam posições de chefia no interior dos campos de morte [...]. Eles desempenhavam função de verdadeiros administradores dos comandos, encarregados dos alojamentos e dos presos”.

⁸ Os prisioneiros foram obrigados, durante a invasão dos exércitos opositores, a caminhar um longo percurso em meio ao frio, fome e sede. Diante dessas circunstâncias, muitos não conseguiram completar o itinerário, sendo mortos pelos soldados ou desfalecendo sozinhos.

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de conveniência. (LEVI, 1988, p. 25)

Primo Levi além de descrever de modo minucioso a descaracterização, a aniquilação da esperança e da identidade dos prisioneiros, o envergonhamento e a dizimação da consciência do sujeito, relata que o campo enlouquece. Os hábitos higiênicos escassos, as regras opressivas, a água contaminada, a comida em pouca quantidade, o trabalho exaustivo e escravo, fatores estes que corroboram com a não existência do ser humano, mesmo quando este ainda possui o sopro da vida.

Primo Levi reconhece que a memória não tem sua completude: “Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória” (LEVI, 1988, p. 88). O esquecimento para ele é a solução mais eficiente diante das lembranças torturantes. De acordo com Aquino (2013, p. 125), “a memória, nas formas de lembrança ou do esquecimento, sempre se constitui no presente, conforme a relação do sujeito com ele”. Primo Levi recorre ao processo memorialístico na constituição do testemunho ao lembrar o luto e a dor sentida do passado e descrevê-la no presente. Nas palavras de Afonso (2017, p. 38), Levi não reconstitui por meio do relato “as minúcias e pormenores”, reconhecendo esta limitação da memória, como dito anteriormente.

Em *Os afogados e os Sobreviventes* (2004), Primo Levi destaca a heterogeneidade própria da memória:

A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz. Esta é uma verdade gasta, conhecida não só pelos psicólogos, mas também por qualquer um que tenha prestado atenção ao comportamento de quem o rodeia, ou a seu próprio comportamento. As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos. (LEVI, 2004, p. 19)

A memória é complexa e apresenta suas falácias. Ela agrega informações adicionais que, por vezes, estão distantes do contexto próprio da lembrança, associando

características não existentes ou causando a sua metamorfose. O retorno à memória preserva as experiências, todavia, consiste em um exercício extremamente difícil, pois “quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para delas se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa” (LEVI, 2004, p. 20). Os oprimidos e os opressores sentem, de modo diferente, aversão às recordações, como discorre Aquino (2013), o esquecimento psíquico afeta indiscriminadamente algozes e vítimas.

A testemunha e o *Muselmann*: de Agamben a Primo Levi

O ato de sobreviver a um evento ou período traumático implica desdobramentos psicológicos, físicos e subjetivos. O sujeito que resiste aos fatores de aniquilação permanece com sequelas durante toda a sua vida. Nesse sentido, a memória não apresenta a sua integralidade diante dessas vivências. Assim sendo, Giorgio Agamben (2008), pensa os limites memorialísticos da testemunha na literatura de Primo Levi. Para o filósofo, o testemunho propicia um estímulo ao prisioneiro para resistir ao campo de concentração, como um modo de justificar a sobrevivência em meio aos horrores, movimento este bastante difícil em situações comuns, ganhando maior pesar quando se pensa a partir da experiência no campo. O autor acentua que há duas categorias de sobreviventes: os que escolheram manter-se em silêncio e os que sobreviveram com a finalidade de deixar viva a voz que exprime. Nesta última, insere-se Primo Levi, “um tipo perfeito de testemunha [...] que não se sente escritor; torna-se escritor unicamente para testemunhar” (AGAMBEN, 2008, p. 26). É esse relatar, evidenciar, que assume um estado de ética, esta, no que lhe concerne, ultrapassa os limites de responsabilidade⁹, assim

a descoberta inaudita que Levi fez em Auschwitz diz respeito a um assunto refratário a qualquer identificação de responsabilidade: ele conseguiu isolar algo parecido com um novo elemento ético. Levi denomina-o de “zona cinzenta”. Ela é aquela da qual deriva a “longa cadeia de conjunção entre vítimas e algozes”, em que oprimido se torna opressor, e o carrasco, por sua vez, aparece como vítima. Trata-

⁹ Agamben (2008, p. 20) destaca que a responsabilidade é afetada, principalmente, pelos estudos jurídicos, porém a política, a ética e a religião definiram-se ao tomá-la para os seus respectivos domínios de atuação, isso “significa, no caso da ética, dar de frente com uma responsabilidade infinitamente maior do que aquela que algum dia pudésemos assumir. No máximo, poderemos ser-lhe fiéis, ou seja, reivindicar a sua não-assumibilidade”.

se de uma alquimia cinzenta, incessante, na qual o bem e o mal e, com eles, todos os metais da ética tradicional alcançaram o seu ponto de fusão. (AGAMBEN, 2008, p. 30, grifos do autor)

Diferente do conceito de responsabilidade das ciências jurídicas e da ética que se relaciona a uma perspectiva filosófica mais tradicional, Primo Levi forma a partir da prisão do campo de concentração de Auschwitz uma ética constituinte de um novo paradigma. A zona cinzenta representa a relação entre vítimas e opressores, posição não estática, não especificada quanto a sua denominação. O subjugado pode ocupar hierarquicamente o lugar de dominador, ocasionado pelo senso de sobrevivência, de conseguir para si um trabalho menos árduo que os prisioneiros comuns, porção de ração mais proporcional à alimentação. Isto ocorria apenas com o reconhecimento da ideologia do opressor. Destarte, o que se aliava ao sistema de dominação exercia o controle sobre seus companheiros de alojamento, mas também sofria com a submissão perante os soldados nazistas. No livro *A trégua* (2010), Primo Levi, explícita este protótipo relacional na presença de Thylle,

um ‘triângulo vermelho’, um prisioneiro político alemão, e era um dos velhos do Lager; como tal, pertencera de direito à aristocracia do campo: não fizera trabalhos braçais (pelo menos nos últimos anos) e recebera alimentos e roupas de sua casa. Por essas mesmas razões, os ‘políticos’ alemães eram raramente hóspedes da enfermaria, onde desfrutavam de diversos privilégios: primeiramente, o de fugir das seleções. Pois, no momento da libertação, ele era o único, fora nomeado pelos ss que fugiam para o cargo de chefe do barracão do Bloco 20, de que faziam parte, além do nosso círculo de doentes altamente infectados, a Seção tbc e a Seção Disenteria. (LEVI, 2010, p. 06, grifos do autor)

Thylle além de gozar dos privilégios acima descritos, assume perante os companheiros a posição de fiscalizador, realizando “diligentes inspeções [...] com evidente abuso de autoridade, adquirira o hábito de vir todas as noites ao nosso quarto para se servir da confortável privada” (LEVI, 2010, p. 06). Ocupa, pois, o *status* de imponente e condescendente. Para Levi, Thylle era “um estranho [...], um inimigo; além disso, alguém de poder e, portanto, um inimigo poderoso” (LEVI, 2010, p. 06), considerado um oponente, “velho militar endurecido por cem lutas pelo seu partido [...] e petrificado pelos dez anos de vida feroz e ambígua no Lager” (LEVI, 2010, p. 06), mas também um ouvinte “companheiro e confidente” (LEVI, 2010, p. 06) de Primo Levi no dia da liberdade do campo de concentração.

Outro exemplo é o jovem Henek, deportado para Auschwitz com toda a família – que foi morta ao chegar no campo – aprendeu a sobreviver em meio a barbárie, assumindo uma idade e profissão que não tinha e mais tarde tornando-se *Kapo* do campo de Birkenau, neste as crianças eram frequentemente dizimadas, “como aves de arribação” (LEVI, 2010, p. 12) e cabia a Henek realizar a seleção de quem morreria e quem permaneceria no martírio por mais tempo: “não sentia remorso? Não: por que sentir? Acaso havia outra maneira para sobreviver?” (LEVI, 2010, p. 12). O campo oferecia aos seus prisioneiros o animalesco em uma lógica que rompia com a ética e a moral, os prisioneiros acostumavam-se a fazer o impensável para sobreviver na esperança de alcançar o fim do ciclo de terror.

Nesse sentido, é nesta realidade de crueldade e situação de desumanidade que o emaranhado entre mal e bem, esta massa indissociável dos limites éticos do sujeito, transpõe as concepções tradicionais e as funções pré-estabelecidas. Esta zona cinzenta “está, por assim dizer, *aquém* dos mesmos. Por um gesto simetricamente oposto ao de Nietzsche, Levi deslocou a ética para *aquém* do lugar em que estamos acostumados a pensá-la” (AGAMBEN, 2008, p. 31, grifos do autor). A ética deslocada por Primo Levi encontra no testemunho a justificação, a remição por sobreviver, bem como “a necessidade de contar aos ‘outros’, de tornar os ‘outros’ participantes” (LEVI, 1988, p. 07). Uma das formas de fazer os que não podem contar – seja por ausência física ou morte interior – participantes e figuras representativas da história é a manutenção da memória.

Nesta tarefa ética de testemunho, não existe o esquecimento das lembranças, pois elas estão imbricadas à vida dos sobreviventes. Recordação que atormenta os sonhos como a frase: “ARBEIT MACHT FREIL¹⁰” (LEVI, 1988, p. 20, grifos do autor); lembranças manifestas durante os dez dias que Primo Levi passou em Slutsk, definidas por ele como “dolorosas” (LEVI, 1988); memórias surgidas em Stáryie Doróghi, da fome no campo de Auschwitz, que “se transformara num violento estímulo mental” (LEVI, 2010, p. 82), impulsionando uma alimentação exagerada, pois as recordações rondavam o psicológico dos sobreviventes; pensamentos “ferozes, esvaziados e inermes” (LEVI, 2010, p. 115) na noite em Garmisch-Partenkirchen.

O nome testemunha deriva do grego *martis*, mártir, utilizado por padres da igreja católica em variação de *martirium*, relacionando-se aos cristãos perseguidos e mortos

¹⁰ Frase estampada na entrada do campo de Auschwitz, significa “O trabalho liberta”.

em nome da crença, que realizaram a comprovação da fé. Há uma certa distância entre os mártires e os sobreviventes do regime nazista, entretanto, ambos remetem à etimologia grega no que tange o significado “recordar”. O cristão que sofrera perseguição e o sobrevivente dos campos de trabalho e de extermínio são, respectivamente, marcados pela memória, pela impossibilidade do esquecimento e do esvaziamento das lembranças (AGAMBEN, 2008).

Esta memória indissociável é parte importante na literatura de testemunho. E é na necessidade de construí-la que se alicerça a literatura de Primo Levi, este reconhece que ela é falha e pode também ser uma fonte que se esquia dos principais traumas, como discorre Aquino (2013, p.117), “Primo Levi se afasta de uma visão ingênua sobre a memória, reconhecendo processos psíquicos de esquecimento e falseamento dos registros mnêmicos”. Levi relata “um buraco na memória” (LEVI, 1988, p. 115), apresentando-a de modo fragmentada, característica observada pelo italiano ao tentar traduzir, por exemplo, a *Divina Comédia*, de Dante.

Para Agamben (2008, p. 42), “o testemunho traz uma lacuna”, dimensão marcada pelos traumas, padecimentos, desumanização, destruição da dignidade humana, da capacidade de raciocinar. O papel da testemunha é expor, desvelar a verdade, sobrepujando o senso de justiça por relatos concretos, todavia, o “testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém no seu centro, algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes” (AGAMBEN, 2008, p. 43). As testemunhas em totalidade e legitimidade não podem narrar a sua experiência, são as que desceram ao fundo, que adentraram as portas das câmaras de gás, que foram metralhadas ao serem selecionados¹¹ na rampa de chegada; as que não possuíam idade suficiente para oferecer trabalho escravo ou que sucumbiram ao desespero e se lançaram nos arames elétricos que circundavam o espaço prisional.

Os sobreviventes não são testemunhas autênticas, mas “pseudotestemunhas” (Cf. AGAMBEN, 2008), que constroem discursos no lugar das testemunhas verdadeiras “por delegações: testemunham sobre um testemunho que falta” (AGAMBEN, 2008, p. 43). Os *Muselmann* são as testemunhas autênticas, mas “nada têm a dizer, nem têm instruções ou memórias a transmitir” (AGAMBEN, 2008, p. 43). O *Muselmann* na

¹¹ Ao chegarem nos campos de concentração, os prisioneiros passavam por uma seleção preliminar, na qual era decidida quem viveria – pode-se dizer, quem morreria lentamente, pois o objetivo do campo era o extermínio – e quem seria imediatamente lançado na câmara de gás. Esta seleção realizava-se constantemente, no campo de trabalho, nos alojamentos e nas enfermarias.

perspectiva de Agamben (2008), não é apto a transmitir o que passara, por estar desvinculado da fonte de narração: a memória. Desse modo, Primo Levi (1988) registra:

Aqui a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só. Se um *Null Achtzehn* vacila, não encontrará quem lhe dê uma ajuda, e sim quem o derrube de uma vez, porque ninguém tem interesse em que um muçulmano a mais se arraste a cada dia até o trabalho; e se alguém por um milagre de sobre-humana paciência e astúcia, encontrar um novo jeito para escapar ao trabalho mais pesado, uma nova arte que lhe propicie umas gramas de pão a amis, procurará guardar seu segredo, e por isso será apreciado e reputado, e disso tirará uma própria, exclusiva, pessoal vantagem; ficará mais forte, e portanto será temido, e quem é temido é, só por isso, candidato à sobrevivência. (LEVI, 1988, p. 89)

A principal finalidade dos prisioneiros era a sobrevivência, não existia solidariedade, empatia ou amizade, tais ausências simbolizam o sujeito destruído pelas circunstâncias impostas. O *Nul Achtzehn* era identificado por uma numeração reduzida, de apenas três dígitos como um artifício demonstrativo da categoria subjugada a qual pertencia. Evitado pelos companheiros de alojamentos, permanecia na escuridão profunda, não recebia nenhum auxílio ou redenção por parte dos alemães, ou dos prisioneiros, é

como se todos tivessem compreendido que só os homens têm direito a um nome, e que *Null Achtzehn* já não é um homem. Imagino que até ele próprio tenha esquecido seu nome; em todo caso, comporta-se como se fosse assim. Quando fala, quando olha, dá a impressão de estar interiormente oco, nada mais do que um invólucro, como certos despojos de insetos que encontramos na beira dos pântanos, ligados por um fio às pedras e balanças pelo vento. (LEVI, 1988, p. 41)

No texto, *Morte impune, luto proibido: vida nua e vida precária em Giorgio Agamben e Judith Buthler* (2020), o pesquisador Reginaldo Silva acentua que os prisioneiros se afastavam do *Mulselmann* em uma tentativa de permanecer na categoria de humano: “constitui uma ameaça aos que ainda se consideram humanos, o que traz consigo uma impossibilidade ética e, em simultâneo, um novo paradigma para a ética” (SILVA, 2020, p. 348). O campo de concentração é um ambiente de destruição da consciência e constituição da vergonha como instrumento de subjugação, em virtude disto, há uma premência por resguardar a humanidade, mesmo que esta tarefa seja impossível, dado que o protótipo do nazismo é o *Null Achtzehn* e não o sobrevivente.

O sobrevivente não oferece o testemunho por completo, ele não pode “dizer a própria lacuna” (AGAMBEN, 2008, p. 48). A língua que relata “dever ceder o lugar a uma não-língua” (AGAMBEN, 2008, p. 48). Logo, a língua toma o lugar da não significação, ocupando o espaço “de quem, por definição, não pode testemunhar” (AGAMBEN, 2008, p. 48), consiste no ecoar da voz do outro, que se encontra impossibilitado de tecer o seu próprio testemunho.

Incompletude do relato de si: nas telas de Judith Butler

A moral se apresenta como princípios e regras em que o indivíduo está imerso e com a qual precisa negociar de modo equilibrado. O sujeito interioriza as normas sociais, não sendo possível um desprendimento total ou parcial delas, mas sim um modo de conviver com elas de forma adequada. Este sistema de normas ao passar pela interiorização acaba por exercer sobre o sujeito a autoridade que outros praticavam, bem como reivindica o relatar a si mesmo (BUTLER, 2017).

Judith Butler (2017) em uma leitura da obra *Genealogia da moral*, de Nietzsche, destaca a característica discutível do relato do filósofo acerca dos meios possíveis ao exercício de reflexão pessoal e da maneira como se realiza o relato de si. O ser humano seria capaz de desenvolver o conhecimento a partir do flagelo. Doravante o sofrimento surge a interpelação, esta propicia o relato de si. O outro assume a posição do indagador, daquele que questiona, intimando o sujeito a construir o seu narrar, bem como o próprio conjunto de regras sociais nos indagam constantemente.

Na literatura de Primo Levi, o infortúnio permeia todos os relatos do campo de extermínio, desde o momento da chegada do comboio até o dia da libertação, pois não se pode retornar o mesmo após a experiência de Auschwitz. Abaixo um dos vários trechos em que se Levi (1988) narra as calamidades:

O sofrimento do dia, feito de fome, pancadas, pesadelos disformes de inaudita violência, como, na vida livre, só acontecem nas noites de febre. Despertamos a cada instante, paralisados pelo terror, num estremecimento de todos os membros, sob a impressão de uma ordem berrada por uma voz furiosa, numa língua incompreensível. (LEVI, 1988, p. 62)

O calvário passado pelos prisioneiros constitui então, com base na leitura que Butler (2017) realiza de Nietzsche, um sofrimento que propicia o conhecimento e a consciência pessoal, evocando o relato de si. Deste temor sentido, nasce a necessidade de se contar por meio da literatura as atrocidades, retomando, pela própria natureza do relato o papel ético. A partir das descrições de Primo Levi é possível pensar as experiências individuais, os princípios universais das atitudes coletivas perdurantes na sociedade alemã e como a aversão e o pavor ao outro provocou a aniquilação de milhões de pessoas. O narrar de Levi não se encaixa na interpelação advinda da punição ou do medo, mas surge a partir do questionamento sobre o próprio limite do homem, bem como se reflete acerca do estado de degradação no qual o sujeito é obrigado a permanecer e aceitar para alcançar a sua sobrevivência, transgredindo a sua moral a ponto de não se reconhecer enquanto indivíduo dotado de especificidade e princípios.

Sobre o relato, cabe atentar ao que Butler (2017) acentua:

[...] também acontece que dou um relato de mim mesma para alguém, e o destinatário desse relato, real ou imaginário, também interrompe a sensação de que esse relato é de fato meu. Se dou um relato de mim mesma para alguém, sou obrigada a revelá-lo, cedê-lo, dispor-me dele no momento em que o estabeleço como meu. É impossível fazer um relato de si mesmo fora da estrutura de interpelação, mesmo que o interpelado continue implícito e sem nome, anônimo, indefinido. A interpelação é que define o relato que se faz de si mesmo, e este só se completa quando é efetivamente extraído e expropriado do domínio daquilo que é meu. É somente na despossessão que posso fazer e faço qualquer relato de mim mesma. (BUTLER, 2017, p. 38)

Conforme Butler (2017), o relato de si, será sempre incompleto, criado para o outro, “seja inventado, seja existente, o outro estabelece a cena de interpelação como uma relação ética mais primária do que o esforço reflexivo que o sujeito faz para relatar a si mesmo” (BUTLER, 2017, p. 24). As formas pela qual tecemos a nossa narrativa “para nos fazer inteligíveis para nós e para os outros, não são criadas por nós” (BUTLER, 2017, p. 24), mas são tecidas pelas regras sociais, tendo, pois, características da sociedade, o que acaba por limitar a liberdade do relato.

Considerações finais

A literatura de testemunho retoma a memória traumática e lança um relato que adverte de modo universal acerca da não repetição dos acontecimentos que ocasionaram o rompimento da moral humana e dizimaram milhões de indivíduos, refletindo sobre esta época e sinalizando para o futuro como uma maneira de evitar comportamentos e movimentos antes aceitos pela ética e praticados pelo sistema nazista alemão.

Como refletido neste estudo, o fim da narrativa e as problemáticas da narração surgidas após as vivências dos traumas marcam o surgimento do romance. Diante deste contexto, o testemunho rompe com as dificuldades da memória, as repressões e os sofrimentos adquiridos em um processo de encontro com as recordações para constituir uma narrativa em que se coloca em tela as atrocidades do período de Guerra Mundial.

Nessa perspectiva, confirmamos as hipóteses construídas, os traumas vividos não encontram na linguagem articulação suficiente para a sua descrição em totalidade, entretanto, esse impasse não elimina a existência do testemunho, o qual encontra na presença da testemunha a voz que narra o experienciado, mesmo que ele não seja o portador da experiência completa, como apontado por Agamben (2008). O autor Primo Levi executa um programa ético em uma perspectiva que retoma os aspectos históricos e sociais do holocausto, tirando do emaranhado da memória os eventos traumáticos para expor os princípios adotados pelos alemães, os quais a sociedade não deve seguir ou aceitar.

O relato de si, pensando em Judith Butler (2017), encontra-se permeado pelos padrões sociais e pelas limitações da dimensão narrativa que se aplica ao outro, a este é destinado o relato, do mesmo modo que a partir do seu viés interpretativo de linguagem é que se torna possível compreender o que se expõe. Nessa perspectiva, este processo não atinge a sua completude, a sua integralidade. Todavia, as normas que nos constituem enquanto sujeito, exigem que executemos a interpelação. O que aproxima Levi e Butler consiste nesta categoria para além do impossível que ambos adotam, expressando, portanto, o aspecto ético existente.

Desse modo, compreende-se que a ética, considerada aqui como princípios universais que orientam as atitudes e comportamentos sociais, não apenas constitui o âmago da literatura de testemunho, mas é sua própria essência narrativa, pois ultrapassa

os valores pessoais e lança-se no corpo social. Especificamente, as obras aqui abordadas do italiano Primo Levi, põe em voga de modo detalhista e memorialístico os relatos dos muitos que não conseguiram a liberdade para falar das suas experiências. Levi, então, por delegação, como diz Giorgio Agamben (2008), dá voz aos que morreram no extermínio nazista, ele conta do outro e para outro no intuito de evitar que suas histórias caíam no esquecimento.

Referências

AFONSO, Elaine. O problema da impossibilidade da narração em Clarice Lispector e Primo Levi. **Olho d'água**. São José do Rio Preto. v. 2, n. 9, p. 37-47, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AQUINO, José Emiliano Fortaleza de. Primo Levi, leitor de Freud. O falseamento das lembranças e o testemunho. **Cadernos Benjaminianos**. Belo Horizonte. n. 7, p. 115-13, Jan/Jun, 2013.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luidi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004.

LEVI, Primo. **A trégua**. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. Literatura de testemunho: Literaturas comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculéé Ilibagiza e Michel Laub. **Revista Opiniões**. São Paulo, n. 9, p. 74-80, 2016.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. O testemunho ético de Primo Levi sobre a zona cinzenta: um problema de julgamento e representação. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 13, n. 1, p. 103-130, Jan/Jun, 2017.

SILVA, Reginaldo Oliveira. Morte impune, luto proibido: vida nua e vida precária em Giorgio Agamben e Judith Butler. **Tans/Form/Ação**. Marília, v, 23, n. 3, p. 339-360, Jul/Set, 2020.